

INVESTIGAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FOTOGRAFIA E CORPO

Odinaldo Costa
odinaldos@yahoo.com
Faculdade de Artes Visuais - UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

O presente artigo propõe investigar a relação entre fotografia e corpo vista por intermédio da intimidade. Primeiro o papel da fotografia que se liberta do apurado técnico para ser mais sentimental, mais próxima de seus personagens e de seus cotidianos. Questionamentos sobre as possibilidades de corpos que despertam o desejo, que seduzem, mesmo não fazendo parte do padrão de beleza. Em um segundo momento, duas séries fotográficas do autor deste texto são apresentadas, analisadas e seus processos criativos descritos. A presença de espelhos nas fotografias é abordada e problematizada ao final.

Palavras-chave: Fotografia; corpo; intimidade; processo de criação.

Abstract

This paper aims to investigate the relationship between photography and body seen through the intimacy. First the role of photography that frees the technician determined to be more sentimental, closer to his characters and their daily lives. Questions about the possibilities of bodies that arouse desire, enticing, though not part of the standard of beauty. In a second step, two series of photos of the author of this text are presented, analyzed and described their creative processes. The presence of mirrors in the photographs is addressed and problematized the end.

Keywords: Photography; body, intimacy; creative process.

Este artigo investiga questões relativas ao corpo através da fotografia na minha produção poética e acadêmica. São reflexões, incômodos e angústias que surgem com o tempo e acompanham a minha trajetória. Nesse trajeto algumas perguntas são inevitáveis, tais como: que corpos são esses que vislumbro? De que forma esses corpos me seduzem? Como esses corpos são representados através da fotografia? Até que ponto posso invadir a intimidade das pessoas que fotografo? O que seria intimidade na atualidade?

Alguns pontos são encontrados nos incômodos que me instigam a produzir. Corpo, intimidade, delicadeza, masculino, feminino são alguns conceitos que tangenciam minhas investigações. Através deste artigo tento traçar uma linha na minha produção artística atual e alinhar os pontos citados. Seja para aprofundar algumas questões, seja para repensar esses pontos e perceber como esses questionamentos permeiam minhas fotografias.

Seguindo a intuição e a necessidade de produzir fotografias que traduzissem um universo pessoal, o difícil foi burlar a técnica aprendida e deixar que a

fotografia seguisse com regras mais fluidas. E não mais com as tão severas normas técnicas. Tarefa difícil para quem é fotógrafo.

A seguir, tentarei falar um pouco sobre fotografia, sobre corpos que aparecem na minha produção e algumas intersecções que transitam no diálogo entre a fotografia e o corpo durante meu processo criativo. Para melhor entendimento, descrevo a trajetória de produção de duas de minhas recentes séries fotográficas.

Sobre a fotografia

São várias as possibilidades e estilos quando nos referimos ao universo fotográfico na atualidade. Nesse meio, uma vertente me interessa muito; o que conhecemos por fotografia da vida íntima. Segundo Chartotte Cotton, trata-se de um “tipo de diário da intimidade humana” (2010, p.9). São fotografias que mais do que interessadas no apurado técnico da linguagem, estão preocupadas em mostrar o cotidiano de seus personagens; de captar a essência, os sentimentos, ações que fazem parte do dia-a-dia. É como se a fotografia tivesse perdido todo o pudor e chegasse muito próximo das pessoas, de suas intimidades. “O registro da vida íntima estabeleceu-se de forma marcante na fotografia contemporânea” (PADOVANI, 2012, p.33), afirma Ivan Padovani sobre a intimidade na fotografia brasileira atual.

A criação da Polaroid, em 1947, foi um marco para o futuro desenvolvimento dessa vertente fotográfica. Com as câmeras instantâneas a fotografia estava livre de mediadores na hora de sua revelação. Assim sendo, a criatividade de fotógrafos e artistas no que diz respeito a assuntos de cunho intimista poderia se desenvolver. Nos anos 1980, essa intimidade ganhou proporções maiores. Fotógrafos como Nan Goldin, Larry Clark, Nobuyoshi Araki, entre outros, começaram a mostrar suas particularidades através de fotografias pessoais, autorais, íntimas. A liberdade de criação incentivou a representação do corpo através de sua nudez, de sua sexualidade. (BAURET, 2006, p.107)

As características das fotografias da vida íntima são imagens aparentemente despreziosas, despreocupadas, informais e confessionais. Em um primeiro momento podemos pensar que são fotos amadoras, parece não haver preocupação com a luz ideal, com o enquadramento perfeito, nem muito menos com o foco.

A acessibilidade técnica e econômica causada pela evolução tecnológica contribui ainda para que as pessoas não se limitem apenas a registrar as situações extraordinárias. Todos nós estamos munidos de algum tipo de câmera em tempo integral e passamos a capturar também os ‘não-eventos’ da vida diária. Os motivos ‘fotografáveis’ não estão mais restritos à grandes viagens de férias, mas sim na própria cidade, no próprio bairro, em casa e no quarto. Desta forma o simples

ato de acordar, comer ou caminhar pela cidade passou a se tornar tema digno de uma fotografia; o evento passou a ser o cotidiano (PADOVANI, 2012, p.34).

Arte e vida dialogando em uma mesma linguagem. É através da fotografia que mantenho relação com os corpos que fotografo.

Aos poucos o retrato íntimo foi conquistando seu espaço, apoiando-se menos em técnicas virtuosísticas e mais no motivo retratado. Fica claro que dentre a maioria das produções que se enquadram nessa temática, o mais importante não é o primor técnico, mas sim o registro das pessoas ali presentes, os ambientes que os cercam, as situações a que estão submetidas, seus estados sentimentais e psicológicos. É como se tal imagem estivesse crua e desprovida de máscaras e maquiagem, a fim de se tornar mais fiel, familiar e acessível para o observador. Desta forma, fica explícita a proximidade entre o fotógrafo e o motivo fotografado. Mas essa estética, que muitas vezes aparenta ser amadorística, obviamente não representa uma carência de talento e sim uma abordagem que funciona como suporte para que o fotógrafo possa comunicar sua ideia com mais poder (PADOVANI, 2012, p.33).

O autor revela o poder que as fotografias da intimidade tem ao revelar mundos pessoais e introspectivos. Para que as fotos consigam ser honestas aos momentos retratados são criadas estratégias para que a produção das imagens seja fiel ao sentimento que a ocasião quer mostrar.

Corpo nosso de cada dia

Podemos pensar no corpo para efetivar uma comunicação com o outro? Com o mundo que está ao redor de cada um? Qual o papel do corpo na atualidade? Que corpo é esse representado em fotografias íntimas? De que maneira esses corpos são fotografados?

Sujeito, objeto, parte da minha intimidade representada através da fotografia. Nas duas séries apresentadas a seguir o corpo traz traços de minhas relações pessoais. O sujeito que é objeto, o objeto que representa o meu próprio corpo num sentido figurado, mas extremamente particular. “Nas obras contemporâneas, em suas sensibilidades diversas, o corpo assume os papéis concomitantes de sujeito e objeto, que aparecem mesclados de forma a simbolizar a carne e a crítica, misturadas” (CANTON, 2009, p.24).

Na minha produção artística, ao mesmo tempo em que o corpo é tratado como objeto, como um modelo, ele é carregado de significados intrínsecos ao meu universo. O nu é característico nas fotografias. E por se tratar de corpo e de nu, o erotismo é uma possibilidade ao olhar do outro. As formas, o volume, os contornos dos próprios corpos estão envoltos em erotismo. Nas fotos, isso não é provocado, mas naturalizado no contexto ao qual o personagem está inserido.

Como em um filme de Peter Greenaway, meus modelos estão nus porque simplesmente deveriam estar. Porque é cultural para eles estar nu. “O que o nu revela é que não há nada a revelar, ou melhor, que ele é somente a própria revelação, o revelador e o revelado ao mesmo tempo; é o gesto que desnuda” (MATESCO, 2009, p.12).

A relação do corpo com a minha fotografia é bastante intensa e está em processo. São corpos comuns, mas podemos notar algumas recorrências pensando na trajetória como um todo. A busca por outros padrões de beleza, ou por modelos que não fazem parte do que é hegemonicamente vigente como padrão. Não estou preocupado com corpos perfeitos, bem torneados, construídos em academias de ginástica, mas com a essência desses corpos. O que eles dizem nas minhas imagens?

Nesse sentido, penso na delicadeza. Na suavidade, na fragilidade que transcende o aspecto corporal, no cuidado em não ferir a aparência e nem a essência. Não fragmentar mais ainda esse corpo. Sendo assim, “a delicadeza não é, portanto, só um tema, uma forma, mas uma opção ética e política, traduzida em recolhimento e desejo de discrição em meio à saturação de informações” (LOPES, 2007, p.18).

Uma homenagem ou a tentativa de ir além

O intuito da série *Ode à Leide* (2012) foi representar uma mulher forte, por vezes frágil; uma mulher bonita (por dentro e na aparência) e extremamente corajosa. Uma mulher que quase chegou aos 50 anos e está passando por uma revolução hormonal cheia de calores e tristezas.

Ode à Leide surgiu da necessidade de unir vida e arte; minha vida pessoal, minha intimidade. Mas como fazer o convite? Como chegar para uma mulher que acabou de separar e pedir para ser minha modelo? E mais ainda, nua. Quando percebi esse impasse dentro do meu processo criativo, encontrei um diálogo próximo com as palavras de Cristina Freire dizendo que: “faz-se necessário ampliar os sentidos da Arte Conceitual, incluindo ações que partem do cotidiano, misturando arte e vida, e para os quais o projeto e registro integram uma mesma obra” (FREIRE, 2006, p.13).

Na minha cabeça, o convite seria para mostrar essa personagem feminina, batalhadora, que agora vai criar seu filho de 10 anos depois de um casamento que acabou. E eu ficava pensando: ela já é adulta, foi casada, tem um filho, é realizada profissionalmente e agora passa pela revolução dos hormônios. Ou pela falta deles. Pensei que o convite seria na hora certa. Por não ter mais entraves matrimoniais, por saber e ter consciência do corpo que possui, por já ser mãe, por ter quase 50 anos. Nada melhor para autoestima que se entregar a

nudez. Assumir seu corpo. Assumir sua feminilidade. Assumir que é dona do seu próprio nariz. Desnudar-se.

Mas ainda persistia a questão, como convidar? Graças *A grande odalisca* (1814), de Jean-Auguste-Dominique Ingres, eis que se fez o momento certo. Depois de muita explicação, argumentação e floreios, a resposta foi sim. “Para mim é uma honra ser convidada para ser sua modelo”, disse ela. Honra a minha escutar tal afirmação. Seguimos planejando, combinando como seria o ensaio e mais ainda, negociando o processo de produção das fotografias.

Você tem algum receio? Tem alguma parte do seu corpo que você gosta mais? E do que você não gosta? Vais ficar constrangida por ficar nua na minha frente? Na frente de minha câmera?

Conversamos, combinamos, pensamos juntos. Estava decidido. Fizemos dois ensaios e tenho a promessa de uma modelo sempre à disposição. Dessa produção, escolhi as imagens do primeiro ensaio para constituir a série intitulada de *Ode à Leide*. A escolha está baseada na tonalidade das fotos, na postura mais relaxada da modelo frente à câmera e pelo resultado final obtido enquanto visualidade. Segue uma imagem da série.



Figura 1 – Fotografia da série *Ode à Leide*. Foto: Odinaldo Costa. 2012.

Não tive e não quis fugir da referência aos trabalhos da fotógrafa Nan Goldin. Sua verve pessoal, íntima, autoral está muito forte no meu imaginário.

Essa proposta de trazer o convívio social para a produção artística. Mais ainda, o fato de Goldin desaparecer no instante de fazer suas fotos. É como se ela não estivesse ali, apontando uma câmera fotográfica para seus modelos. E ao mesmo tempo ela invade, com a devida autorização, a intimidade de todos que a cercam. Sejam momentos de prazer, alegria, tristeza ou desilusão. Também continuei utilizando as poses das obras de Ingres. Tentei negociar esse dois universos, o clássico e a vida íntima.

O mais tocante da série para mim é o fato da modelo ser minha irmã. Ela é mais velha 12 anos que eu. Fomos criados numa realidade social aos quais meninos e meninas não podiam dividir os mesmos espaços, tais como o quarto de dormir, ou o banheiro. Sendo assim, a realização do ensaio foi pessoalmente o embate com várias regras colocadas por um contexto social e familiar que nos foi imposto por anos.

Até onde posso ir?

Descobri há pouco tempo que tenho um amigo que é *crossdresser*. Ele faz parte do que denominei de minha família, pensando em termos das novas conjugalidades. Fotografar um *crossdresser* exige um grau elevado de confiança adquirida. E mesmo assim, trata-se de invadir a intimidade de um homem que, entre quatro paredes, tem fetiche de se vestir de mulher para outros homens. Todavia, no convívio social ele segue as regras de vestimentas para homens.

Negocie registrar a montagem/transformação de um homem em *crossdresser*. Também combinei que paralelo ao meu trabalho autoral, faria algumas fotografias para que ele pudesse usar na Internet. O processo começou do início. A depilação: ele tira com gilete os pelos do corpo inteiro. Depois calçar as meias 7/8, calcinha, corpete, salto alto, peruca e batom. A cada elemento do vestuário que era acrescentado, várias poses e fotos foram tiradas.

Evitei identificar meu personagem, isso fez com que o modelo se sentisse seguro e ousasse em frente à câmera. Por vários momentos durante o ensaio eu não estava mais de frente a um modelo fazendo poses, mas sim de uma *crossdresser* seduzindo seus homens. Segue um painel da série que denominei de *Ilo*. Uma designação que é comum no meu círculo de amizades para definir alguém cujo gênero não é tão facilmente identificável. Aos quais os pronomes ele e ela já não cabem. Se não é ele, nem ela, trata-se de *ilo*.

A série *Ilo* (2012) busca ressaltar o corpo volátil da *crossdresser*, em cada foto pretendi misturar o que é masculino e o que é feminino. Sempre pensando em borrar o gênero e trazer nas fotografias o clima de como negociar o gênero através de um

corpo. O que é masculino? O que é feminino? O que seduz nesse corpo ambíguo? Por que virou moda o fetiche por *crossdressers*? O que desperta o desejo?



Figura 2 – Três imagens da série *Ilo*. Fotos: Odinaldo Costa. 2012.

Longe de querer respostas para essas questões. As fotos provocam essas perguntas. Instigam refletir acerca da construção do desejo e da sedução na sociedade contemporânea.

Observando as fotos da série *Ilo* com mais calma, percebi vários pontos de intersecção com a série mostrada no tópico anterior. O fato da família estar presente na minha produção. Esteticamente, a cor das fotos é uma recorrência instintiva. É como se esse tom quente fosse mais apazível aos meus olhos. E tecnicamente falando, trata-se de uma luz suja, vulgar, sem preparação. A iluminação é aproveitada do ambiente em que os ensaios são realizados. E outra

coisa que chama atenção é a recorrência das molduras nas imagens. Dado que não foi pensando, mas que aconteceu.

Espelhos – lisos e profundos

Nos dois ensaios aqui apresentados a presença de um espelho nas fotografias é uma recorrência. Chama-me a atenção o intuitivo desejo de enquadrar os personagens utilizando dessa superfície lisa, refletora e que proporciona profundidade aos temas. O espelho nos mostra através de uma visão indireta determinada realidade criada através de uma ilusão. O que vemos não são os modelos, mas o reflexo deles. Mas o que isso quer dizer?

Sem a pretensão de responder a questão colocada o que cabe nesse momento é refletir sobre o assunto. Trazer a intimidade da mulher de quase 50 anos e do homem que tem o fetiche de se vestir de mulher pode parecer mais velado se mostrado através dos reflexos. Uma forma de proteger os modelos do mundo real? Talvez. Ou tão somente uma maneira de criar uma cômoda virtualidade em que os olhares cheguem filtrados e assim não consigam ferir com suas visões de mundo.

Dubois fala em fora de campo por incrustação e cita como exemplo os reflexos causados principalmente pelos espelhos. Ele diz que “em todos os casos, trata-se de inserir, pelo jogo do reflexo, dentro do espaço ‘real’ enquadrado pelo aparelho (o campo), um (ou alguns) fragmento(s) de espaços ‘virtuais’, exteriores ao primeiro quadro, mas contíguos e contemporâneos a ele” (DUBOIS, 2003, p.196).

As composições nas fotografias em *Ode à Leide* e *Ilo* são nitidamente preocupadas nos corpos dos personagens. Embora o contexto/cenário seja importante para saber por onde esses corpos transitam. Sendo assim, trata-se de introduzir no campo fotografado elementos por meio dos reflexos que permitam conhecer esses personagens de forma indireta, à distância. Medo? Pudor? Mais pontos para possíveis reflexões.

Algumas considerações

A intimidade é uma questão importante que permeia a produção poética aqui apresentada. É através dela que os corpos se adensam em construções subjetivas e identitárias. A fotografia tem o papel de entrar no espaço intimista dos modelos. A presença do fotógrafo e da câmera são forçadas para dentro da vida íntima dessas pessoas. Mas sou parte dessa intimidade. Estou no limite entre o eu e o outro. Todavia, trato essa relação com olhos atentos e busco as delicadezas desses momentos desnudos. Seja através dos gestos, das ações, do existir simplesmente.

É através da proximidade com meus modelos, da minha relação com eles, que busco a delicadeza de nossa intimidade. Muitas vezes não estou somente interessado na melhor luz, ângulo, foco nas imagens. O mais importante para mim é que o processo seja tranquilo e que as fotografias estejam carregadas de nós. Fotos cheias da mistura entre eu e o outro.

Sendo assim, penso nessas séries como uma investigação sobre as fronteiras da intimidade. Qual o limite? O entre? Como negociar essas partes dentro do processo criativo poético? Como representar essa fronteira visualmente através da fotografia? Muitas questões surgem na reflexão sobre minha produção atual. O interesse não é responder nada, mas sim investigar ainda mais esse processo em construção e provocar outras tantas questões.

Referências bibliográficas

BAURET, Gabriel. *A fotografia: história, estilos, tendências, aplicações*. Lisboa: Edições 70, 2006.

CANTON, Katia. *Corpo, identidade e erotismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

COTTON, Charlotte. *A fotografia como arte contemporânea*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Cristina. *Arte conceitual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LOPES, Denilson. *A delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília: UnB: Finatec, 2007.

MATESCO, Viviane. *Corpo, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PADOVANI, Ivan. Intimidade. *Digital Photographer Brasil*. São Paulo: TRGD, n.16, p.32-43, janeiro, 2012.

Minicurrículo

Odinaldo Silva é mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor de fotografia na Faculdade de Artes Visuais da Universidade de Goiás. Pesquisa sobre a relação entre fotografia e corpo e seus desdobramentos.